

*Best seller do The New York Times e do USA Today*

**TARRYN FISHER**

**MULHERES**

**3**



*Até onde chegaria para descobrir  
o que o seu marido oculta?*

HarperCollins  
*Suspense*

**TARRYN FISHER**

**3  
MULHERES**





Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.  
Núñez de Balboa, 56  
28001 Madrid

Três mulheres  
Título original: The Wives  
© 2019 by Tarryn Fisher  
© 2022, para esta edição da HarperCollins Ibérica, S.A.  
Publicado originalmente por Graydon House  
Tradutor: Fátima Tomás da Silva

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a permissão da Harlequin Books, S.A.  
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, factos ou situações são mera coincidência.

Design da capa: Rudesindo de la Fuente - Diseño gráfico

Imagens da capa: Shutterstock  
1ª edição: Junho 2022

ISBN: 978-84-9139-785-4

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

# Sumário

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezasseis](#)

[Dezassete](#)

[Dezoito](#)

[Dezanove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Agradecimentos

*Para Colleen*

## Um

Vem cá todas as quintas-feiras. Esse é o meu dia, feito à medida para o meu nome, porque me chamo Thursday. É um dia de esperança, perdido no meio dos dias mais importantes. Não é o princípio nem o fim, mas uma paragem. Um aperitivo do fim de semana. Às vezes, questiono-me pelos outros dias e se eles se questionarão por mim. As mulheres são assim ou não? Sempre a questionar-se como serão as outras, com uma curiosidade e um ódio que acabam por coalhar em poças emocionais. Embora isso sirva de pouco, na verdade. Se passarmos o dia a fazer perguntas, tudo acaba por correr mal.

Ponho a mesa para dois. Sinto que estou um pouco excitada quando ponho os talheres e tenho de parar por um instante para pensar onde pôr cada coisa segundo as regras de etiqueta. Passo a língua pelos dentes e abano a cabeça para espevitar. Estou tola. O jantar será apenas para mim e para Seth, é um encontro em casa. E não é que façamos mais grande coisa. Não saímos para jantar com muita frequência por medo de sermos vistos. Imaginem não quererem ser vistas com o vosso próprio marido. Ou que o vosso marido não queira ser visto convosco. A vodca que bebi antes deixou-me excitada, relaxou-me pernas e braços e sinto-me mais solta. Quase deixei cair a jarra de flores ao pôr um garfo ao lado de um prato: um ramo de rosas do

tom rosado mais claro que encontrei. Escolhi-as por causa da sua insinuação sexual, porque, quando nos encontramos numa posição como a minha, controlar o jogo sexual ao máximo é de importância vital. «Olha que flores tão delicadas com pétalas cor-de-rosa, não te fazem pensar no meu clitóris? Ótimo!»

À direita das flores vaginais, ponho dois castiçais de prata com velas brancas. A minha mãe disse-me uma vez que, à luz tilintante da chama de uma vela, as mulheres podem parecer até dez anos mais jovens. A minha mãe dava importância a essas coisas. De seis em seis semanas, o médico cravava-lhe uma agulha na testa e injetava-lhe trinta centímetros cúbicos de botox na derme. Assinava todas as revistas de moda que possam passar-lhe pela cabeça e colecionava livros sobre como conservar o marido. Ninguém se esforça tanto para conservar o marido, a menos que já o tenha perdido. Naquela época, quando os meus ideais ainda não estavam poluídos pela realidade, considerava-a uma mulher superficial. Tinha grandes planos para ser algo que não fosse a minha mãe: ser amada, ter sucesso, ter uns filhos lindos. Mas a verdade é que os desejos do coração são apenas uma corrente que vai contra a maré da nossa criação e a natureza do nosso carácter. Podemos passar a vida a nadar contra ela, mas, no fim, cansamo-nos e a corrente dos genes e da educação que recebemos engole-nos. Acabei por me transformar numa mulher muito parecida com ela e só um pouco parecida comigo.

Aciono a roda dentada do isqueiro com o polegar e aproximo a chama da mecha. O isqueiro é um *Zippo*, com uma bandeira da Grã-Bretanha estampada gasta. A língua tremeluzente de fogo faz-me pensar na minha temporada breve com o tabaco. Para me tornar interessante, basicamente. Nunca soube travar, mas adorava ver aquela cerejinha acesa entre os meus dedos. Os meus pais compraram-me os castiçais como presente de inauguração

da minha casa, depois de eu os ver no catálogo da *Tiffany*. Tinham-me parecido terrivelmente elegantes. Quando somos recém-casados, vemos castiçais e imaginamos os infinitos jantares íntimos que os acompanharão. Jantares muito parecidos com o que celebraremos hoje. A minha vida é quase perfeita.

Olho pela janela da sala enquanto dobro os guardanapos. A vista do parque prolonga-se por baixo de mim. Está um dia cinzento, típico de Seattle. A vista do parque é a razão pela qual escolhi este apartamento em vez do outro, muito maior e mais bonito, que domina Elliott Bay. Por muito que saiba que a maioria teria escolhido o apartamento com vista para a baía, eu prefiro ver as vidas das pessoas. Um casal com o cabelo branco está sentado num banco, de frente para o caminho por onde circulam ciclistas e corredores de vez em quando. Não se tocam, embora as suas cabeças se mexam em uníssono quando alguém passa. Interrogo-me se Seth e eu seremos tal como eles algum dia, mas sobe-me rapidamente o calor às faces quando penso nas outras. Imaginar o que o futuro me proporcionará é complicado quando temos de ter em conta as outras duas mulheres que partilham o nosso marido conosco.

Ponho na mesa a garrafa de *pinot grigio* que escolhi hoje no mercado. A etiqueta é aborrecida, sem nada que chame a atenção, mas o homem de aspeto austero que me vendeu descreveu o seu sabor com grande detalhe e esfregou as mãos enquanto falava. E apesar de terem passado apenas algumas horas, não me lembro muito bem do que me disse. Estava distraída, concentrada na tarefa de reunir todos os ingredientes. Cozinhar, tal como a minha mãe me ensinou, é a única forma de conseguir ser uma esposa.

Recuo uns passos e examino o meu trabalho. Em termos gerais, a mesa ficou impressionante, ainda que, de qualquer forma, saiba que sou a rainha da apresentação. Está tudo no seu devido lugar, tal como ele gosta e, portanto, tal como eu gosto. Não é que não tenha

personalidade, mas, simplesmente, tudo o que sou está reservado para ele. Como deve ser.

Às seis em ponto, ouço a chave a girar na fechadura e, depois, a porta a abrir-se. Ouço o clique que faz ao fechar-se e as chaves dele a entrar em contacto com a mesinha do vestíbulo. Seth nunca chega atrasado e, quando vivemos uma vida complicada como a dele, a ordem é importante. Passo a mão pelo cabelo que, com tanto esmero, frisei e saio da cozinha para o corredor para o receber. Está a ver o correio e as gotas de chuva deslizam pelas pontas do seu cabelo.

— Foste buscar o correio! Obrigada.

O entusiasmo da minha voz causa-me confusão. É apenas o correio, pelo amor de Deus.

Seth deixa as cartas na mesinha de mármore da entrada, ao lado das chaves, e sorri. Sinto um vazio no estômago e, depois, calor e uma onda de excitação. Aproximo-me até ficar a escassa distância dele, inalo o seu cheiro e encosto a cara no seu pescoço. É um pescoço esplêndido, bronzeado e largo. Segura uma cabeça com um cabelo ótimo e uma cara classicamente atraente, com uma insinuação minúscula de atrevimento. Aninho-me nele. Cinco dias sem o homem que amamos é muito tempo. Na minha juventude, pensava que o amor era um fardo. Como poderia ser capaz de fazer alguma coisa quando devia ter outra pessoa em conta durante todos os segundos do dia? Mas quando conheci Seth, tudo isso desapareceu. Transformei-me na minha mãe: permissiva, complacente, aberta de braços e pernas, tanto a nível emocional como sexual. Emocionava-me e causava-me repulsão ao mesmo tempo.

— Senti a tua falta — digo.

Beijo-lhe a parte inferior do queixo e, depois, esse ponto tão sensível que tem junto da orelha. A seguir, ponho-me em bicos dos pés para chegar à sua boca. Estou sedenta

dos seus cuidados e o meu beijo é agressivo e intenso. Emite um gemido gutural e a pasta dele cai ao chão com um barulho surdo. Abraça-me.

— Umas boas-vindas muito agradáveis — comenta.

Pressiona os nós da minha coluna vertebral com dois dedos, como se tocasse saxofone. Massaja-os com delicadeza até me retorcer contra ele.

— Poderia ser ainda melhor, mas o jantar está pronto.

Os seus olhos tornam-se nebulosos e emocionam-me em silêncio. Conseguí excitá-lo em menos de dois minutos. Gostaria de dizer: «Supera isso». Mas a quem? Sinto alguma coisa a desenroscar-se no meu estômago, uma fita que se desenrola sem parar. Tento segurá-la antes de ir demasiado longe. Porque tenho de pensar sempre nelas? O segredo para que isto funcione consiste precisamente em não pensar nelas.

— O que preparaste?

Desenreda o seu cachecol e enlaça-o à volta do meu pescoço, puxa-me para ele e beija-me outra vez. A sua voz parece ardente e atravessa o meu transe frio. Deixo os meus sentimentos de lado, decidida a não estragar a nossa noite juntos.

— Cheira bem.

Sorrio e começo a andar em ziguezague para a sala de jantar, com uns bons golpes de anca para acompanhar o jantar. Paro na soleira da porta para observar a sua reação quando vir a mesa.

— Fazes com que tudo pareça bonito.

Tenta alcançar-me com as suas mãos fortes, bronzeadas e percorridas por veias grossas, mas mexo-me a brincar para me afastar dele. Atrás dele, vejo a janela banhada pela chuva. Olho por cima do ombro de Seth. O casal foi-se embora do banco. O que jantarão? Vão encomendar comida chinesa? Comer sopa de lata?

Vou para a cozinha, certificando-me de que Seth nunca para de olhar para mim. A experiência ensinou-me que, se

me mexer da forma adequada, os homens não conseguem desviar o olhar.

— Costeletas de cordeiro — digo, falando por cima do ombro. — Cuscuz...

Seth agarra na garrafa de vinho da mesa, segura-a pelo gargalo e inclina-a para estudar a etiqueta.

— Um bom vinho.

Em teoria, Seth não bebe vinho. Com as outras, não bebe. Por motivos religiosos. Contudo, comigo, abre uma exceção, que tenho cotada como mais outra das minhas pequenas vitórias. Manipulei-o para que partilhe tintos intensos comigo, *merlots* e *chardonnays* frescos. Beijamo-nos, rimo-nos e fodemos bêbados. Só comigo. Não faz isso com elas.

Uma tolice, eu sei. Fui eu que escolhi esta vida e não se trata de competir, mas de contribuir. Porém, é impossível evitar ter uma lista quando há outras mulheres envolvidas.

Quando saio da cozinha com a travessa do jantar presa entre dois panos, Seth já serviu o vinho e está a olhar pela janela, a saborear um copo. Por baixo da janela do décimo segundo andar, a cidade cantarola ao seu ritmo noturno. Pela parte dianteira do parque, passa uma rua concorrida. À direita, fora da nossa vista, está o Sound, salpicado de veleiros e *ferries* no verão e coberto pela névoa no inverno. Da janela do quarto, vê-se uma extensão de água que pode estar calma ou revolta. A vista perfeita de Seattle.

— Não quero saber do jantar — declara. — Quero-te agora.

A sua voz é autoritária. Seth não costuma deixar espaço para perguntas. É um traço da sua personalidade que lhe foi útil em todas as áreas da vida.

Deixo a travessa na mesa. O meu apetite por uma coisa desapareceu para ser substituído pela fome de outra. Sem desviar o seu olhar de mim, Seth sopra as velas para as apagar e dirige-se para o quarto, apalpando-me as costas em busca do fecho do vestido para começar a abri-lo. Muito

devagar, para que ele possa ver, retiro a camada de seda. Sinto-o atrás de mim: a sua presença volumosa, o calor, a antecipação do que está por chegar. O meu jantar perfeito arrefece na mesa, a gordura do cordeiro solidifica na travessa decorada com tonalidades alaranjadas e beges ao mesmo tempo que vou tirando o vestido, me dobro pela cintura e deixo que as minhas mãos se afundem na cama. Tenho os pulsos cobertos pelo edredão quando os seus dedos me arranham as ancas e agarram a cintura elástica das minhas cuecas. Baixa-mas e, quando escorregam até aos meus tornozelos, livro-me delas com um pontapé.

O tinir do metal e depois o «zip» do seu cinto. Não se despe. Só se ouve o som amortecido das calças quando as desliza até aos tornozelos.

Depois, embrulhada num robe, reaqueço o jantar no micro-ondas. Sinto uma pulsação entre as pernas e um fiozinho de sémen na coxa. Estou dorida no melhor sentido possível. Levo-lhe o prato até ao sofá, onde, sem camisa, Seth se deitou. Com um braço por cima da cabeça, é a imagem pura do cansaço. Por muito que tente, é-me impossível apagar o sorriso da minha cara. Este sorriso de adolescente é como uma greta na minha fachada habitual.

— És linda — afirma, quando me vê. A sua voz é rouca, como lhe acontece sempre depois do sexo. — Adoro foder-te. — Acaricia-me a coxa e agarra o prato. — Lembras-te daquelas férias de que estivemos a falar? Para onde queres ir?

Esta é a essência da conversa pós-coito com Seth: depois de chegar ao orgasmo, gosta de falar do futuro.

Se me lembro? Claro que me lembro. Recomponho as minhas feições para parecer surpreendida.

Há um ano que me promete umas férias. Sós os dois.

O coração acelera. Há muito tempo que espero por isto. Não queria pressioná-lo porque sei que está muito ocupado, mas aqui o tenho: o meu ano. Imaginei todos os lugares onde poderíamos ir. No fim, restringi a busca a um

lugar de praia. Areias brancas e águas de cor lápis-lazúli, passeios longos à beira-mar de mão dada em público. Em público!

— Pensava em algum sítio quente — respondo.

Não olho para ele nos olhos, pois não quero que veja como estou ansiosa por o ter só para mim. Sou absorvente, ciumenta e mesquinha. Deixo que o robe se abra quando me inclino para deixar o copo de vinho na mesa do centro. Introduz a mão e flete-a para me segurar um seio, como sabia que faria. Em certos aspetos, é muito previsível.

— Ilhas Turcas e Caicos? — sugere. — Trinidad?

Sim e sim!

Instalo-me na poltrona, à frente do sofá, e cruzo as pernas de tal modo que o robe volta a abrir-se e deixa uma coxa à vista.

— Escolhe tu — replico. — Estiveste em mais lugares do que eu.

Sei que gosta disso, de tomar as decisões. E o que me importa para onde vamos? Desde que o tenha durante uma semana inteira, sem interrupções, sem o partilhar. Durante essa semana, será apenas meu. Uma fantasia. Mas, agora, chega o momento para o qual vivo e que, ao mesmo tempo, tanto receio.

— Conta-me como foi a tua semana, Seth.

Deixa o prato na mesinha e esfrega as pontas dos dedos. A gordura da carne deixou-os brilhantes. Gostaria de me aproximar e de levar esses dedos à boca, chupá-los até os deixar limpos.

— A Segunda-feira não se sente nada bem, o bebé...

— Oh, não! — exclamei. — Ainda está no primeiro trimestre, isso vai durar mais algumas semanas.

Seth mexe a cabeça num gesto de assentimento e, nos seus lábios, aparece um sorriso leve.

— Mas, apesar das náuseas, está muito emocionada. Comprei-lhe um desses livros com nomes para bebés. Está

a sublinhar os que mais gosta e, quando for vê-la novamente, vamos examiná-lo juntos.

Sinto uma pontada de ciúmes e afasto-a imediatamente.

Esta é a parte mais memorável da minha semana, ouvir detalhes sobre as outras. Não quero deitar tudo a perder com sentimentos mesquinhos.

— Emocionante, sim — concordo. — E o que quer, menino ou menina?

Ri-se e levanta-se para ir à cozinha e deixar o prato no lava-loiça. Ouço a água a correr e, depois, a tampa do caixote do lixo depois de deitar o guardanapo de papel fora.

— Ela quer um menino. Com o cabelo escuro, como eu. Mas parece-me que, independentemente do que tivermos, terá o cabelo loiro, como ela.

Imagino a Segunda-feira: cabelo loiro, lisa como uma tábua e bronzeado de surfista. É magra e musculada, com uns dentes brancos e perfeitos. Ri-se muito, sobretudo com as coisas que ele diz, e está juvenilmente apaixonada. Seth disse-me, um dia, que tem vinte e cinco anos, mas que parece uma adolescente. Em condições normais, veria um homem que pensasse isso com maus olhos, que perseguisse o clichê que os homens procuram nas mulheres mais jovens, mas, no caso de Seth, não se aplica. Seth gosta da ligação.

— Vais dizer-me quando souberes se é menino ou menina?

— Ainda falta muito para isso, mas sim. — Sorri e a comissura da sua boca eleva-se. — Temos consulta na semana que vem. Terei de ir diretamente para lá na segunda-feira de manhã.

Pisca-me o olho e careço da habilidade suficiente para esconder o meu rubor. Tenho as pernas cruzadas e mexo o pé para cima e para baixo enquanto sinto o calor a invadir-me a barriga. Continua a exercer o mesmo efeito sobre mim que no dia em que nos conhecemos.

— Preparo-te uma bebida? — pergunto e levanto-me.

Aproximo-me do bar e carrego na tecla «Play» da aparelhagem. É claro que quer uma bebida, quer sempre uma bebida durante as noites que passamos juntos. Um dia, contou-me que, no seu escritório, agora guarda uma garrafa de uísque em segredo e desfruto mentalmente da minha má influência. Tom Waits começa a cantar e agarro na garrafa de vodca.

Antigamente, perguntava-lhe por Terça-feira, mas Seth hesita mais em falar sobre ela. Diz sempre que Terça-feira está numa posição de autoridade por ser a primeira esposa. A primeira esposa, a primeira mulher que ele amou. Em certo sentido, é desalentador saber que sou apenas a sua segunda escolha. Consolei-me com frequência com o facto de ser a esposa legal de Seth e de, apesar de continuarem juntos, ter tido de se divorciar dela para se casar comigo. Não gosto de Terça-feira. É egoísta. A sua carreira profissional ocupa um papel dominante na sua vida, o espaço que eu reservo para Seth. E embora desaprove, também não a culpo por isso. Seth está fora cinco dias por semana. Temos um dia de rotação em que nos vamos alternando, mas o nosso trabalho consiste em preencher a semana com coisas que não sejam ele. No meu caso, com estupidezes como fazer cerâmica, ler romances e ver Netflix. Mas no caso de Terça-feira, ela preenche esse tempo com a sua profissão. Procuo o meu batom no fundo do bolso do robe. Fora do nosso casamento, temos vida. É a única forma de manter a prudência.

«Outra vez piza para jantar?», costumava perguntar-lhe. Seth reconheceu, um dia, que Terça-feira era mais uma rapariga de comida preparada do que uma rapariga de cozinhar.

«Tu és sempre tão crítica com as habilidades culinárias dos outros», dizia-me então, num tom de brincadeira.

Tiro dois copos altos e encho-os com cubos de gelo. Sinto que Seth se mexe por trás de mim e se levanta do sofá. A garrafa de refrigerante para a mistura faz barulho quando

a abro e, a seguir, encho os copos até acima. Antes de ter tempo para preparar as bebidas, tenho-o colado a mim, beijando-me o pescoço. Inclino a cabeça para que possa aceder melhor. Agarra no seu copo, aproxima-se da janela e eu sento-me.

Olho para ele do meu lugar no sofá e sinto a humidade do copo na mão.

Seth senta-se ao meu lado e deixa a bebida na mesa do centro. Estica o braço para me acariciar a nuca e ri-se.

Os seus olhos dançam, seduzem. Apaixonei-me por esses olhos e pelo facto de parecerem estar sempre a rir-se. Esboço um sorriso e recosto-me nele para desfrutar da sensação sólida do seu corpo contra as minhas costas. Os seus dedos sobem e descem pelo meu braço.

O que falta dizer? Quero certificar-me de que estou familiarizada com todas as áreas da sua vida.

— O trabalho...?

— O Alex...

Interrompe-se. Observo como passa o polegar pelo lábio inferior, um costume que adoro.

«O que terá feito agora?»

— Apanhei-o noutra mentira — replica.

Alex é o sócio de Seth. Fundaram a empresa juntos. Segundo me lembro, Alex sempre foi a cara visível do negócio: quem se reúne com os clientes e contrata os trabalhadores, enquanto Seth administra a construção das casas e lida com os empreiteiros e as inspeções. Seth contou-me que, da primeira vez que tiveram um problema, foi por causa do assunto do nome da empresa: Alex queria ver o seu apelido incorporado no nome do negócio, enquanto Seth queria que incluísse o termo «Pacific Northwest». Discutiram e, finalmente, decidiram-se por Emerald City Development. Com o passar dos anos, a atenção ao detalhe e a beleza incrível das casas que constroem proporcionou-lhes clientes de alto nível. Não conheço Alex. Alex não sabe que existo. Pensa que a esposa

de Seth continua a ser Terça-feira. Quando Seth e Terça-feira estavam casados há pouco tempo, foram de férias com Alex e a sua mulher, uma vez ao Havai e outra vez esquiar em Banff. Vi Alex numa fotografia. É alguns centímetros mais baixinho do que a esposa, Barbara, que foi Miss Utah anteriormente. Achaparrado e com calvície incipiente, é um tipo que parece muito presunçoso.

Há muita gente que não conheço. Os pais de Seth, por exemplo, e os seus amigos de infância. Como segunda esposa que sou, talvez nunca me dê essa oportunidade.

— Oh — replico. — E o que se passou?

A minha existência é cansativa, com tantos jogos para jogar. É a maldição da mulher. Ser direta, mas não excessivamente. Fazer perguntas, mas não demasiadas. Bebo um gole do meu copo e recosto-me no sofá.

— Gostas disto? — pergunta Seth. — É um pouco estranho que perguntes sobre...

— Gosto de ti. — Sorrio. — Conhecer o teu mundo, o que sentes e experimentas quando não estás comigo.

E é verdade, não é? Amo o meu marido, mas não sou a única. Há outras. O meu único poder reside em saber disso. Poderia devastar tudo, tirar vantagem disso, fodê-lo até rebentar e, depois, fingir um interesse distante e indiferente, tudo isso fazendo apenas algumas perguntas no momento adequado.

Seth suspira e esfrega os olhos com os punhos.

— Vamos para a cama — declara.

Estudo-lhe a cara. Por esta noite, já falou o suficiente. Estica-me uma mão para me ajudar e aceito-a. Deixo que me puxe para me levantar.

E, desta vez, fazemos amor, com beijos profundos enquanto o enlaço com as pernas. Não deveria questionar-me, mas faço-o. Como é possível que um homem ame tantas mulheres? Que tenha uma mulher diferente em praticamente dias alternados? E onde estou na categoria dos seus favores?

Adormece depressa, mas eu não. A quinta-feira é o dia em que não durmo.

## Dois

Na sexta-feira de manhã, Seth vai-se embora antes de eu acordar. Mexi-me de um lado para o outro e dei voltas na cama até às quatro e, depois, devo ter adormecido profundamente, pois não o ouvi a sair. Às vezes, sinto-me como uma juvenzinha que acorda sozinha na cama depois de uma aventura de uma noite, com ele a desaparecer silenciosamente antes de ter tempo sequer de lhe perguntar o seu nome. Às sextas-feiras, fico sempre na cama mais tempo e observo o espaço que Seth deixou na almofada até o sol entrar pela janela e me acertar nos olhos. No entanto, hoje, o sol ainda tem de esticar os seus dedos por cima do horizonte e olho para o espaço dele como se estivesse a dar-me vida.

As manhãs são difíceis. Num casamento normal, acordamos ao lado de uma pessoa, validamos as nossas vidas com o seu corpo ensonado. Há rotinas e agendas, que acabam por ser aborrecidas, embora também sejam um consolo. Não tenho o consolo da normalidade, um marido que rressona e a quem posso dar pontapés durante a noite, nem pasta dos dentes colada ao lavatório que esfrego sem parar com frustração. Seth não se sente nas fibras desta casa e isso, na maioria dos dias, dói-me no coração. Passa pouco tempo aqui e, depois, vai-se embora para ocupar a cama de outra mulher enquanto a minha arrefece.

Olho para o telemóvel e a apreensão causa-me um nó no estômago. Não gosto de lhe enviar mensagens de texto.

Imagino que se veja diariamente alagado por mensagens das outras, mas, esta manhã, sinto a necessidade de agarrar no telemóvel e de escrever: «Sinto a tua falta». Ele sabe, de certeza que sabe. Quando não vemos o nosso marido cinco dias por semana, ele deve saber que sentimos a falta dele. Mas não pego no telemóvel e não envio nenhuma mensagem. Com determinação, deixo cair as pernas pelo meu lado da cama, calço os chinelos e os meus dedos acariciam a suavidade da sua felpa interior. Os chinelos fazem parte da minha rotina, da minha busca de normalidade. Vou à cozinha e observo a cidade da janela. Na 99, há uma serpente de luzes vermelhas de travões, as pessoas que vão trabalhar estão à espera que o semáforo mude. Os limpa-para-brisas mexem-se para um lado e para o outro, limpando a chuva fina dos vidros. Interrogo-me se Seth estará entre eles, mas não, quando sai daqui, vai pela 5. Quando se afasta de mim.

Abro o frigorífico, tiro uma garrafa de vidro de *Coca-cola* e deixo-a na bancada. Procuo na gaveta dos talheres pelo abridor e praguejo quando um palito se crava na unha. Levo o dedo à boca e, com a outra mão, abro a garrafa. Só guardo uma garrafa de *Coca-cola* no frigorífico e escondo o resto por baixo do lava-loiça, atrás do cano da água. Cada vez que bebo uma, substituo-a. Deste modo, parece que a mesma garrafa de *Coca-cola* está eternamente ali. Não engano ninguém, só a mim própria. E talvez não queira que Seth saiba que bebo *Coca-cola* ao pequeno-almoço. Rir-se-ia de mim e não me importo que se ria, mas ninguém gosta que os outros saibam que bebemos refrigerante ao pequeno-almoço. Quando era pequena, era a única das minhas amigas que gostava de brincar com *Barbies*. Com dez anos de idade, elas já tinham passado para os produtos de maquilhagem e para a MTV e, no Natal, pediam roupa aos seus pais em vez da nova caravana da *Barbie*. O meu amor pelas bonecas *Barbie* envergonhava-me muitíssimo, sobretudo, depois de as minhas amigas gozarem comigo

por isso, dizendo-me que era um bebé. Num dos momentos mais tristes da minha jovem vida, peguei em todas as minhas bonecas *Barbie* e guardei-as no meu armário dentro de uma caixa. Naquela noite, adormeci a chorar porque não queria afastar-me de algo que adorava, mas também consciente de que continuariam a gozar comigo se não o fizesse. Quando, algumas semanas mais tarde, a minha mãe descobriu a caixa das bonecas enquanto guardava a roupa limpa no armário, perguntou-me a respeito disso. Sem conseguir parar de chorar, contei-lhe a verdade. Era demasiado velha para continuar a brincar com as minhas *Barbies* e chegara o momento de dar um passo em frente.

«Podes brincar com elas em segredo. Ninguém tem de saber. Não tens de abandonar o que queres pelo simples facto de os outros desaprovarem», disse-me.

Segredos: sou boa a ter segredos e também a guardá-los.

Vejo que fez uma torrada antes de se ir embora. Os restos de migalhas cobrem a superfície e, no lava-loiça, há uma faca suja de manteiga. Repreendo-me por não me ter levantado antes para lhe preparar alguma coisa. «Na semana que vem», penso. Na semana que vem, vou fazê-lo melhor e preparar o pequeno-almoço ao meu marido. Serei uma daquelas esposas que oferecem sexo e sustento três vezes por dia. A ansiedade encolhe-me o estômago e interrogo-me se Segunda-feira e Terça-feira se levantarão para lhe fazer o pequeno-almoço. Terei estado a preguiçar durante todo este tempo? Pensará que sou negligente porque fico na cama? Limpo as migalhas, sacudo-as da palma da minha mão e atiro-as para o lava-loiça, irritada. Pego na *Coca-cola* e vou para a sala. A garrafa está fria e bebo um gole enquanto começo a pensar em todos os aspetos em que poderia melhorar.

Quando acordo, passou um bom bocado, a luz mudou. Sento-me e vejo a garrafa de *Coca-cola* deitada na mesa e

uma mancha castanha no tapete, à volta.

— Merda! — exclamo, em voz alta.

Levanto-me. Devo ter adormecido com a garrafa na mão. É o problema de passar a noite em branco, a olhar para o teto. Apresso-me a procurar um pano e um produto para tirar as manchas e começo a limpar o tapete. Ajoelho-me e começo a esfregar com energia. A *Coca-cola* secou no tapete de nós de cor crua e ficou como um rebuçado peganhento. Estou zangada com alguma coisa e apercebo-me de que estou a chorar. As lágrimas juntam-se à mancha do tapete e esfrego com mais força. Quando o tapete está limpo, sento-me nos calcanhares e fecho os olhos. O que se passou? Como me transformei na pessoa dócil que sou, numa pessoa que vive para as quintas-feiras e para o amor de um homem que se reparte tão calmamente entre três mulheres? Se, com dezanove anos, alguém me tivesse dito que a minha vida ia ser esta, ter-me-ia rido na sua cara.

Na semana que vem, fará cinco anos desde o dia em que Seth me encontrou. Eu tinha o último exame de enfermagem, um obstáculo que ainda não me sentia preparada para superar, e estava a estudar num café. Passara dois dias sem dormir e estava naquele momento em que bebia café como se fosse água, simplesmente para me manter acordada. Meio perdida num estado de delírio, estava a balançar-me na cadeira quando Seth se sentou ao meu lado. Lembro-me de que a sua presença me incomodou. Havia cinco espaços livres que poderia ter escolhido, porque decidira sentar-se no que estava ao meu lado? Era bonito, com o cabelo preto e brilhante e olhos cor de turquesa, bem dormido, bem limpo e bem falante. Perguntou-me se estava a estudar para ser enfermeira e respondi-lhe num tom cortante, embora me desculpasse imediatamente por me ter mostrado mal-educada. Tirou importância ao assunto e perguntou-me se queria que me fizesse perguntas, como se fosse o exame.

Dei uma gargalhada, mas parei quando me apercebi de que falava a sério.

— Queres passar a tua sexta-feira à noite a fazer perguntas de exame a uma estudante de enfermagem quase morta? — perguntei-lhe.

— Claro — respondeu, sorrindo com os olhos. — Suponho que, se conseguir fazer com que tires uma boa nota, não digas que não quando te convidar para jantar comigo.

Lembro-me de que olhei para ele com o sobrolho franzido, questionando-me se tudo aquilo não seria uma brincadeira. Se havia a possibilidade de os seus amigos o terem mandado com a intenção de humilhar a rapariga triste que estava sentada num canto. Era demasiado bonito. Dos que nunca se dão ao trabalho de perder tempo com raparigas como eu. Porque, mesmo não sendo feia, era muito normal. A minha mãe dizia sempre que me tinha tocado o dom do cérebro e à minha irmã, Torrence, o da beleza.

— Falas a sério? — perguntei-lhe, sentindo-me de repente muito consciente do meu rabo-de-cavalo pouco atraente e de que nem sequer usava rímel.

— Só se gostares de comida mexicana — declarou. — Nunca poderia apaixonar-me por uma rapariga que não goste de comida mexicana.

— Não gosto de comida mexicana — repliquei e levou a mão ao coração como se estivesse morto de dor. Lembro-me de que desatei a rir ao ver aquele homem tão bonito a fingir que tinha um enfarte num café.

— É uma brincadeira. Mas diz-me, que tipo de ser humano complicado és para não gostares de comida mexicana?

Contra o que teria sido sensato, e apesar de ter uma agenda louca e incrivelmente ocupada, acedi a encontrar-me com ele para jantar na semana seguinte. Ao fim e ao cabo, tinha de comer. Quando me dirigia para o restaurante a bordo do meu *Ford* pequeno e amassado, quase esperava

que não aparecesse. Contudo, assim que saí do carro, vi-o à espera à porta, protegendo-se da chuva que manchava indevidamente os ombros da sua gabardina.

Mostrou-se encantador durante o primeiro prato, fazendo perguntas sobre os meus estudos, a minha família e o que tencionava fazer quando acabasse o curso. Eu, enquanto isso, ia molhando *nachos* no molho e tentando recordar a última vez que alguém mostrara tanto interesse por mim. Deslumbrada, fui respondendo com entusiasmo a todas e cada uma das suas perguntas e, quando acabámos de jantar, apercebi-me de que não sabia absolutamente nada sobre ele.

— Reservamos isso para o jantar da semana que vem — afirmou, quando puxei o assunto.

— E como sabes que haverá um jantar na semana que vem? — perguntei-lhe.

Limitou-se a sorrir e, exatamente naquele momento, soube que tinha um problema.

Tomo duche e visto-me e só paro por um instante para olhar para o telemóvel quando já estou a caminho da porta. Como Seth está ausente cinco dias por semana, ofereço-me sempre para trabalhar nos turnos da noite que ninguém quer. Passar as noites sozinha em casa, a pensar que ele está com as outras, é insuportável. Prefiro manter a cabeça ocupada a todas as horas, estar concentrada em qualquer coisa. Às sextas-feiras, vou ao ginásio e, depois, ao mercado. Às vezes, como algo rápido com uma amiga, mas, ultimamente, todos parecem estar demasiado ocupados para sair. Quase todas as minhas amigas são recém-casadas ou mães recentes e as nossas vidas bifurcaram-se em trabalho e família.

O telemóvel informa-me que Seth me enviou uma mensagem de texto. *Já sinto a tua falta. Mal posso esperar pela semana que vem.*

Sorrio com pouca vontade e carrego no botão do elevador. É muito fácil expressar saudade quando se tem sempre alguém ao nosso lado. Mas sei que não deveria pensar assim. Sei que ama todas, que sente a falta de todas quando não está connosco.

*Jantamos piza quando nos virmos no próximo dia?* A minha tentativa de uma brincadeira.

Responde-me imediatamente com outra mensagem, desta vez, com o *emoticon* que chora de tanto se rir. O que é que as pessoas faziam antes de os *emoticons* existirem? Parecem-me a única forma razoável de tirar peso a uma frase carregada de sentimento.

Guardo o telemóvel na mala quando entro no elevador e esboço um sorriso leve. Mesmo nos dias mais difíceis, uma pequena mensagem de Seth resolve tudo. E dias difíceis há muitos, dias em que me sinto incompetente e insegura sobre o papel que interpreto na sua vida.

«Amo todas de forma diferente, mas igual.»

Gostaria de saber o que quer dizer com isso, os detalhes. Refere-se a nível sexual? Emocional? E se tivesse de escolher, se tivesse uma pistola apontada à cabeça, escolher-me-ia?

Quando Seth me falou da sua esposa, estávamos num restaurante italiano chamado La Spiga, em Capitol Hill. Era o nosso quarto encontro. A sensação de torpor que acompanha o processo de duas pessoas quando estão a conhecer-se desaparecera e tínhamos passado para uma fase mais confortável. Àquelas alturas, já dávamos a mão... e beijávamo-nos. Seth dissera-me com antecedência que queria falar-me de um assunto e eu pensara que talvez quisesse ter uma conversa sobre para onde ia a nossa relação. Porém, assim que a palavra «esposa» saiu da sua boca, larguei o garfo, limpei o molho da massa que pudesse haver nos meus lábios, agarrei na mala e fui-me embora. Seth saiu rapidamente para a rua atrás de mim e encontrou-me a mandar parar um táxi. Depois, o

empregado seguiu-nos, exigindo que pagássemos a comida que não tínhamos acabado. Estivemos a discutir na calçada até Seth acabar por me suplicar que voltasse a entrar. Fi-lo, carregada de dúvidas, embora uma parte de mim quisesse ouvir o que tinha para me dizer. Mas como era possível que tivesse alguma coisa para me dizer? Como é que um homem podia justificar uma coisa assim?

— Sei que parece mal, mas rogo-te que confies em mim.

— Tinha bebido um longo gole de vinho antes de continuar.

— Não tem nada a ver com sexo. Não tenho nenhum vício, se é isso que estás a pensar.

De facto, era exactamente o que estava a pensar. Cruzei os braços e esperei. Pelo canto do olho, vi o empregado a pulular à nossa volta. Questionei-me se estaria à espera que saíssemos a correr do restaurante novamente, deixando o jantar sem pagar.

— O meu pai... — começou a dizer.

Olhei para ele com exasperação. Metade do mundo conhecido era capaz de inventar qualquer desculpa começando com «o meu pai». Mas esperei que continuasse. Era uma mulher de palavra. E tudo começou a flutuar ao meu redor.

— Os meus pais... polígamos... quatro mães...

Fiquei a olhar para ele, pasmada. Ao princípio, pensei que estava a mentir-me, que estava a contar-me uma piada má, mas vi alguma coisa no seu olhar. Acabara de me proporcionar informação sensível e estava à espera da minha opinião. Não sabia o que dizer. Qual era a forma adequada de responder a isso? Eram coisas que se viam na televisão... mas na vida real?

— Cresci no Utah — continuou a explicar. — Saí de lá quando fiz os dezoito. E jurei que era contra todas as suas crenças.

— Não entendo nada — disse.

E realmente não entendia nada. Estava tensa, com as mãos cerradas em punhos por baixo da mesa e as unhas a

cravar-se nas minhas palmas.

Seth passou uma mão pela cara e, de repente, pareceu-me dez anos mais velho.

— A minha esposa não quer filhos — explicou. — E eu não sou desses, não sou dos que pressionam uma mulher para que seja quem não quer ser.

E, então, vi-o de uma perspetiva nova: como um pai com um filho nos seus ombros e outro pequeno aos seus pés. A comprar gelados e a jogar à bola. Tinha os mesmos sonhos do que eu, os mesmos sonhos do que a maioria.

— E onde entro em tudo isto? Andas à procura de uma mulher reprodutora e eu encaixo no teu tipo?

Estava a ser malvada, mas era uma punhalada fácil. Porque me escolhera e quem lhe dissera que queria ter filhos?

Deu-me a impressão de que a minha acusação o magoava, mas não me senti mal por o dizer. Os homens como ele deixavam-me doente. No entanto, se voltara à mesa era para o ouvir e estava disposta a fazê-lo. Naquele momento, pareceu-me o mais absurdo que ouvira na minha vida. Tinha uma esposa, mas queria outra. Para constituir uma família. Quem raios é que aquele tipo pensava que eu era? Aquilo era repugnante e assim lho fiz saber.

— Entendo-te — disse, ficando triste. — Entendo perfeitamente.

A seguir, pagou a conta e cada um seguiu o seu caminho, eu depois de lhe oferecer uma despedida gélida. Posteriormente, disse-me que nunca imaginara que voltaria a ter notícias minhas, mas quando voltei a casa, passei a noite inteira a dar voltas na cama, incapaz de dormir.

Gostava dele. Gostava realmente. Tinha algo especial... carisma, talvez, ou perspicácia. Fosse o que fosse, quando estava com ele, nunca me fazia sentir inferior. Não tinha nada a ver com os rapazes com quem saíra na universidade, que estavam sempre a olhar para o seu próprio reflexo nos meus olhos e me consideravam uma

relação «do aqui e agora». No entanto, quando estava com Seth, sentia-me única. Deixei todos aqueles sentimentos de lado para chorar o que imaginava que teria sido o início de uma relação prometedora. Tive alguns encontros, um com um bombeiro de Bellevue e outro com o dono de um pequeno negócio em Seattle. Ambas as histórias acabaram mal, pois não fazia outra coisa senão compará-los sem cessar com Seth. E então, um mês mais tarde, depois de lamentar a perda de um homem como nunca imaginara que lamentaria, ganhei coragem e liguei-lhe.

— Sinto a tua falta — declarei, assim que atendeu. — Não quero sentir a tua falta, mas é a pura verdade.

E, então, perguntei-lhe se a esposa sabia que estava à procura de alguém para ter filhos. Houve uma longa pausa do outro lado da linha, mais longa do que teria gostado. E estava prestes a dizer-lhe para esquecer o assunto quando me respondeu com um trémulo «sim».

— Espera um momento — disse, encostando o telemóvel ao ouvido. — Disseste «sim»?

— Estamos de acordo a respeito disso — replicou, com mais confiança. — Que precisaria de estar com alguém que quisesse o mesmo que eu.

— Queres dizer que lhe contaste? — insisti.

— Depois do nosso primeiro encontro, vi que a relação podia ter futuro e contei-lhe. Sabia que corria um risco, mas também sabia que tinha surgido alguma coisa entre nós. Uma ligação.

— E achou bem?

— Não... bom, sim. É difícil, eu sei. Disse que era o momento de procurar alternativas. Que me amava, mas que entendia.

Fiquei calada, digerindo tudo o que estava a dizer-me.

— Podemos encontrar-nos? — sugeriu. — Só para beber um copo ou um café. Algo simples.

Teria gostado de poder dizer-lhe que não, ser a típica mulher forte e determinada que não cede a nada. Contudo,